

# ***“E se eu juntar este com aquele?!” A pesquisa com crianças e os encontros com a arte contemporânea***

**Camila Bettim Borges<sup>1</sup>  
Susana Rangel Vieira da Cunha<sup>2</sup>**

## **Resumo**

*“E Se Eu Juntar Este Com Aquele?!” A Pesquisa Com Crianças e os Encontros com a Arte Contemporânea*, reflete sobre as relações que podem ser estabelecidas entre as crianças e a arte contemporânea, a partir dos pressupostos teóricos da Sociologia da Infância (Sarmento, Tomás, Ferreira) e dos Estudos Sobre Arte Contemporânea (Rey, Archer, Figueirôa). Investigou, a partir de uma pesquisa realizada com um grupo de crianças de uma escola pública de Ensino Fundamental na cidade de Porto Alegre; como se estabelece o contato e a conversa entre os pequenos e a arte contemporânea. A pergunta: “como as crianças se relacionam com as possibilidades que a arte contemporânea suscita?” Constitui-se como a coluna vertebral deste artigo. E neste sentido, no intuito de aproximar as crianças, e desta forma, tornar o estudo e os processos da pesquisa mais íntimo às mesmas, este, constituiu-se a partir de mosaico metodológico que contou com ações propositivas que objetivaram ampliar a percepção das crianças na relação com materiais e objetos do seu cotidiano que na experimentação ganharam outros sentidos e nomes. Assim, artistas como: Marcel Duchamp, Joseph Kosuth, Nelson Leirner, Lia Menna Barreto e Sandro Ka, serviram como elementos importantíssimos para pensar a metodologia de pesquisa com as crianças. Destacamos que neste estudo, compreende-se que as crianças, assim, como a arte contemporânea, são constituídas de muitas linguagens e expressividades, perceber estas complexas e instigantes maneiras de expressão requer que tenhamos um olhar novo e oxigenado frente ao que consideramos como arte contemporânea e o próprio conceito de crianças. Neste sentido, deslocar posições e desestabilizar posturas frente a tais concepções torna-se imprescindível. Assim, aproximamos as crianças e arte contemporânea, tomando-as a partir de suas pluralidades e especificidades e hibridismos. As crianças e a arte contemporânea experimentam e vivem a recriação junto ao simbólico e ao concreto; percebem-se outras em suas relações com o mundo e com seus pares. O estudo destaca a potência existente no encontro entre as crianças e a arte contemporânea, principalmente no que se refere à proximidade e receptividade dos pequenos com as possibilidades que a arte convida. Além disto, a pesquisa demonstra através dos processos de criação das crianças como estes são encharcados de significados e relações externas ao contexto escolar, que emergem em suas experimentações,

---

<sup>1</sup> Pedagoga (UFRGS) e Mestra em Educação pela Linha Estudos Sobre Infâncias do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: cbettim@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação (UFRGS) Pesquisadora e educadora Associada na área de Educação Infantil, Artes e Cultura Visual da Faculdade de Educação – UFRGS. E-mail: trabalhosusana@gmail.com

assim como os afetos e enfrentamentos que se estabelecem na exploração, ressignificação e apropriação dos materiais e materialidades.

**Palavras – Chave:** Arte Contemporânea. Pesquisa com Crianças. Apropriação.

## **"If i mix this with that ?!" research with children and meetings with contemporary art**

### **Abstract**

"If I mix this with that ?!" research with children and meetings with contemporary art considers the relationships that can be established between children and contemporary art, from the theoretical assumptions of the Sociology of Childhood (Sarmiento, Thomas, Ferreira) and Studies of Contemporary Art (Rey, Archer, Figueirôa). The research investigated, with a group of children from a public school in Porto Alegre, how is established the contact and the conversation between these children and contemporary art. In this article, the main question is: "How children relate to contemporary art?". In this sense, in order to bring the investigations processes next to the children, we proposed different purposeful actions that aimed at raising awareness of children in relation with materials and objects of everyday life that won other senses and names during the trial. Thus, artists such as Marcel Duchamp, Joseph Kosuth, Leirner, Lia Menna Barreto and Sandro Ka, served as important elements to think about the methodology of research with children. We emphasize that in this study, it is understood that children, as well as contemporary art, consist of many languages and expressivity, realizing these complex and intriguing ways of expression requires that we have a new and oxygenated forward to what we consider as contemporary art look and the concept of children. In this sense, shifting positions and destabilizing postures becomes essential. Children and contemporary art experience and live next to the recreation symbolic and concrete. The study highlights the existing power in the encounter between children and contemporary art. Moreover, this research shows through the creation of children as these processes are soaked meanings and outside the school context, that emerge in their trials, as well as affections and confrontations that are established in the exploration, reinterpretation and appropriation of materials and materialities.

**Keywords:** Contemporary Art; Research with Children; Appropriation.

Neste estudo, faremos a aproximação entre arte contemporânea e crianças, buscamos, assim, traçar não uma linearidade histórica dos aspectos que conectam a arte das crianças, mas sim, um agregar de concepções relevantes sobre as temáticas em questão. Desta forma, apresentamos à arte contemporânea a partir de uma de suas principais vertentes, denominada apropriação, e discorremos nossas reflexões à luz do conceito das crianças como constituintes de uma categoria geracional e produtoras de culturas infantis (SARMENTO, 2007). Entendemos, portanto esta aproximação entre as crianças e a arte contemporânea como “um encontro contínuo e reflexivo com o mundo” que “longe de ser um ponto final desse processo, age como iniciador” (ARCHER, 2001, p.236).

## APROPRIAÇÕES DE INFÂNCIAS CONTEMPORÂNEAS

A ideia inicial da palavra apropriação, segundo o dicionário Houaiss (2009) está associada ao “ato ou efeito de se tornar próprio”. No entanto, esta ideia altera-se quando a percebemos por meio das lentes da arte. Este campo de estudo irá tratar desta vertente artística como uma maneira de aglutinar objetos comuns – não rotulados como objetos artísticos – ou ainda trazer a incorporação de excertos de obras de arte em outras produções artísticas.

Podemos pensar nestas ações iniciais que se propunham a trabalhar com o conceito de apropriação, através dos procedimentos artísticos que Pablo Picasso (1881-1973) e Georges Braque (1882-1963) realizavam no início do século XX através das suas famosas colagens cubistas. Além deles, temos ainda inúmeras referências artísticas que se utilizaram da apropriação para constituírem seus processos de criação e obras. Influenciados pelos *readymades*, “objetos fabricados em série que escolhia, comprava, e a seguir, designava como obra de arte” (Archer, 2001, p.3), de Marcel Duchamp (1887-1968). Andy Warhol (1928-1987) e Roy Lichtenstein (1923-1997) foram alguns dos artistas que se utilizaram deste procedimento artístico para elaborarem suas obras que buscava nas trivialidades urbanas dos grandes centros dos Estados Unidos, a potência para questionarem de maneira irônica os modos de vida da sociedade estadunidense na época (1960). O vigor artístico consistia, assim como fez R.Mutt (pseudônimo de Marcel Duchamp) na obra Fonte (1917), em expor objetos do cotidiano em conceituados locais de arte, colocando a prova às concepções de arte e desestruturando uma ideia como aquela oriunda fundamentalmente da originalidade e do ineditismo, e concebida somente a partir do gesto criador do artista.

Inspirados por este procedimento artístico que além de ampliar os materiais de experimentação artística, promovia um questionamento sobre o quanto uma ideia vale mais que os objetos que a expressam; uma nova interface da história da arte e do próprio conceito dela advindo irá compor-se. Um segmento considerável de artistas fará parte deste novo e polêmico cenário artístico contemporâneo, e utilizarão o conceito de *apropriação* como ideia chave em suas obras.

Não se trata mais de fabricar uma obra a partir de um material bruto, inédito ou inexplorado, tampouco de fabricar um novo objeto, mas sim de “catar” determinados materiais entre tantos outros que existem e modificá-lo com uma intenção específica: “problematizar a noção de arte pautada nos conceitos de originalidade e de valorização do gesto criador do artista”

(CHIARELLI, 2002, p.21). É a partir deste deslocamento de matéria e sentido que muitos artistas vão pautar suas obras. Conhecido deste o final dos anos 50, Nelson Leirner é um dos ícones brasileiros deste pensar deslocado e sobre isto irá afirmar:

Quando faço apropriações de objetos que foram coleções é o momento em que estou *warholando*. É um estágio de permissividade total que antecede o momento em que a obra passa pelo crivo do público. (LEIRNER, 2002, p.96).

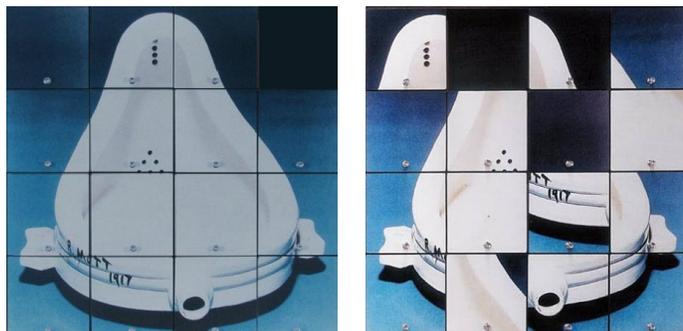
Esta “permissividade” que o artista coloca pode ser entendida como um dos disparadores no processo de criação, visto que depende do público para que aconteça. “Duchamp pedia que o observador pensasse sobre o que definia a singularidade da obra de arte em meio à multiplicidade de todos os outros objetos” (ARCHER, 2001, p.3). Assim, podemos inferir que dentro da concepção de apropriação, a criação passa não somente pelo artista, como pelo objeto, pela obra e por quem a observa, no caso, o outro – espectador – também irá compor o processo que envolve a obra. Segundo Chiarelli (2002), o conceito de apropriação está baseado na ideia de que:

Apropriar-se não significa, em princípio, apropriar-se de apenas um ou dois objetos ou imagens da mesma natureza, ou com uma ou várias características comuns. Apropriar-se é matar simbolicamente o objeto ou a imagem, é retirá-los do fluxo da vida – aquele contínuo devir, que vai da concepção/produção até a destruição/morte – colocando-os lado a lado a outros objetos, com intuitos os mais diversos. (CHIARELLI, 2002, p.21).

Neste sentido, pensar o conceito de apropriação não quer dizer desfazer um conceito que represente algo ou uma unidade, mas o de elevar os seus sentidos a partir do seu deslocamento para outros espaços juntando-o a elementos diversos. Nas obras de Leirner, fica evidente as estratégias estéticas e experimentais que o artista utiliza para ressignificar objetos e materiais em suas obras.

Na obra apresentada na Figura 1, Leirner (2001) utiliza-se de uma imagem da famosa obra “Fonte” (1917) de R.Mutt (Duchamp) para (re)significá-la em outro tempo/espaço e com a participação do observador que também irá compor a obra. “Observar a arte não significa consumi-la passivamente, mas tornar-se parte de um mundo ao qual pertencem essa arte e esse espectador” (ARCHER, 2001, p.236). Leirner, Duchamp, Warhol, Lichtenstein, nos mostram com suas obras e processos de criação, o quanto a ideia de apropriação é contemporânea, no sentido de ser mais uma das muitas maneiras de se falar, pensar e agir por meio da arte. Manifestam suas opiniões

sobre o que a arte “pode ser” provocando nos espectadores surpresas, repulsos, ironias, risos, indagações e dúvidas. Desdobram as certezas que a arte por muito tempo se apoiou, através das concepções de representações fidedignas ao “real” e das noções de criatividade como ineditismo e originalidade, para que pensemos nas apropriações como procedimentos artísticos que questionam a origem da arte e sua definição.



*Imagem 2: Quebra-cabeças Duchamp (2001) Leirner.*

É exatamente neste ponto que vejo uma aproximação muito fecunda entre a arte contemporânea e a pesquisa com as crianças. Justamente, por ambas, tratarem de um deslocamento para impulsionarem suas concepções. Tanto a ideia de apropriação, como as pesquisas com crianças, irão trazer para o centro da discussão, para o olho do furacão, conceitos que até então não eram vistos como importantes.

Historicamente, tanto a arte quanto o conceito de crianças passaram por profundas modificações. A arte durante alguns anos entendida como um lugar para poucos e associada a um determinado público de elevado estrato social; e as crianças como figuras de mínimo prestígio, consideradas apenas através de uma visão de incompletude e imperfeição (HEYWOOD, 2004). O conceito de infância, portanto, nasce atrelado por traços de negatividade: o não-adulto, da não-fala, da não-razão, do não-trabalho e da não-infância (SARMENTO, 2000) e passa a se constituir apenas como uma faixa do período biológico dos seres humanos que necessita de proteção e cuidado, justamente por seus saberes serem considerados menores, de pouca importância e irrelevantes para a sociedade – comparados aos adultos.

Elas são ainda perspectivadas dentro de parâmetros de um estatuto minoritário (...) onde os indivíduos requerem proteção porque sabem menos, têm menos maturidade, menos força e menos experiência. (TOMÁS, 2011, p.86).

Constitui-se, então, uma concepção de crianças e infâncias, ancorada na ideia de incapacidade, de um lugar menor, de ilegitimidade de ações e pensamentos. Havia, portanto, um movimento de não pensar nas crianças e em suas infâncias e este pensamento se desenvolveu por muito tempo, atingindo verticalmente as pesquisas realizadas sobre as crianças. Os campos da Medicina e da Psicologia foram os primeiros trazer à cena as crianças para as pesquisas acadêmicas, porém, com uma concepção da criança enquanto um objeto de estudo ou de testes. Não se questionava os contextos sociais, modos de vida ou o que pensavam, apenas eram analisados com base no que os adultos previam ser certo ou errado. Retorna-se, então, a concepção de criança enquanto um sujeito de um saber menor, inferior, afinal partia-se do pressuposto de que elas pouco sabiam do mundo.

A situação muda radicalmente de figura quando em 1990 um grupo de sociólogos reúne-se para discutir sobre a infância. Este agrupamento de estudiosos foi fundamental para a área que se denomina hoje “Sociologia da Infância” e que, de certa maneira, mudou os rumos das concepções de crianças e infâncias.

É interessante observar que os primeiros elementos de uma sociologia da infância, vão surgir e fixar-se principalmente por oposição à concepção de infância considerada como simples objeto, passivo de uma socialização orientada por instituições. (QUINTERO, 2005, p.24).

É discutida, então, a concepção de crianças como atores sociais e das infâncias enquanto categorias geracionais.

Estudar as crianças como actores sociais de pleno direito, a partir do seu próprio campo, e analisar a infância como categoria social do tipo geracional é o objetivo a que se tem proposto a sociologia da infância. (SARMENTO, 2011, p.28)

A afirmação de Sarmiento (2011) é instigante por me aproximar ainda da associação que vejo entre a arte contemporânea e as crianças, quando estas passam a ser protagonistas em seus cenários e contextos; e sobre este novo lugar que as crianças ocuparão na contemporaneidade. Assim, como a arte que mexe com a posição do objeto para que com isto, desestruture determinado

pensares sobre ela; a pesquisa com crianças enquanto um campo de estudos vinculado a Sociologia da Infância, também vai deslocar as crianças de um papel, até então, a margem das pesquisas para trazê-las para o cerne das questões que irão fundamentar, desde então, as metodologias de pesquisas com as crianças. É neste sentido, que a apropriação torna-se fundamental como um modo para pensar a pesquisa com as crianças, pois foi a partir da concepção de apropriação, por meio da arte contemporânea, que busquei indícios para tratá-la como um dos pontos que constitui a metodologia de pesquisa com crianças deste estudo.

Está muito claro que não há um ‘ambiente ideal’ da arte, que permita uma recepção única das informações envolvidas na observação. Não há um lugar sagrado. Porque não existe este lugar asséptico do museu, da galeria de arte, do cubo branco exterior ao contexto do mundo; não existe isenção, linearidade, interpretação única, nem modelos fixos de percepção. (RAMOS, 2006, p.99).

Aproximar as crianças da arte contemporânea é promover trafegares descontínuos, deslocamentos e tensionamentos e foi com este olhar, com estas indagações que surgiu a pesquisa em questão.

## **A PLASTICIDADE DA PESQUISA COM CRIANÇAS...**

Este estudo investigou, a partir de uma pesquisa realizada com um grupo de crianças de uma Escola pública de Ensino Fundamental – Porto Alegre; questionar como se estabelece o contato e a conversa entre as elas e a arte contemporânea. A pergunta: como as crianças se relacionam com as possibilidades que a arte contemporânea suscita? constituiu-se como a coluna vertebral de tal. Assim, no intuito de aproximar as crianças, e desta forma, tornar o estudo e os processos da pesquisa mais íntimo às mesmas, este, construiu-se a partir de mosaico metodológico que contou com ações propositivas que objetivavam ampliar a percepção das crianças com materiais e objetos do seu cotidiano que na experimentação ganharam outros sentidos e nomes.

Nesta inserção metodológica a pesquisa-intervenção (RABELLO, 2008) auxiliou a pensarmos, não somente as crianças neste processo, como o papel do pesquisador enquanto um sujeito adulto que não era a figura de referência, como era a educadora da turma, mas outra personagem dentro daquele cenário escolar. Desta forma, para esta abordagem metodológica, pesquisador e “pesquisados” ou adultos e crianças, convergem em ações onde ambos

aprendem, conhecem e transformam-se. Na pesquisa-intervenção é deslocada a posição unilateral, de conhecimentos, saberes, e as posições estruturais que geralmente as pesquisas colocam; neste sentido, o “pesquisador” deverá estar na mesma “linha hierárquica” que o “pesquisado”.

Abre-se uma brecha para conceber a produção do saber sobre as crianças como resultantes da sua própria ação e conhecimento (a criança como agente e detentora de um saber), e não apenas da ação e do conhecimento do pesquisador sobre ela, com ela ou para ela, no processo de pesquisa. (RABELLO, 2008 p.27).

Assim, significa reconhecer que as crianças constroem experiências e que são produtoras de conhecimentos e saberes; e para tanto, o pesquisador media estes processos e age como um companheiro das crianças nesta busca pela construção de sentidos para as experiências de tais processos.

O pesquisador não se coloca fora, como um ator que não “contamina” o processo de pesquisa, mas um ator de quem depende a continuação do processo que é marcado por sua presença e por sua ação. (RABELLO, 2008, p. 27).

Ressaltamos que os pressupostos da pesquisa-intervenção foram fundamentais na construção da metodologia desta pesquisa, porém, preferimos não enquadrá-la neste modelo, deixando-a fruir nos delineamentos que esta abordagem de pesquisa e do que a Sociologia da Infância propõe.

Assim, este estudo apoiou-se fundamentalmente nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociologia da Infância (SARMENTO, 2000, 2001, 2004; TOMÁS, 2008, 2011; FERREIRA 2002, 2009; MARTINS FILHO, 2011), que considera as crianças como atores/autores sociais, de direitos próprios e reconhecidos; e entende as infâncias “a partir das pluralidades de situações, especificidades e características culturais disseminadas da vivência cotidiana deste grupo social e geracional” (TOMÁS, 2011, p.87). Defende-se, então, que as crianças sejam vistas como sujeitos que produzem conhecimento, e portanto, devem ser consideradas como integrantes do processo de pesquisa.

Defende-se, pois, metodologias que considerem as crianças parceiras na investigação, uma vez que possuem faculdades simbolizadoras, tentando combater desta forma a marginalização ou exclusão dos que quase nunca estão presentes na investigação, como as crianças, por não possuírem as ‘credenciais’ escolares, acadêmicas ou profissionais consideradas ‘certas’. (TOMÁS, 2008, p.388).

A principal razão disto é justamente pelo fato de que esta abordagem metodológica visa “dar voz às crianças”, e esta voz nunca é a mesma, e nem é emitida dos mesmos lugares. Esta voz dos pequenos que é conclamada, neste estudo, é entendida não apenas como uma linguagem verbal ou eloquência, mas, sobretudo como a voz que não é dita, que fica nas entrelinhas do cotidiano das crianças, nos olhares e gestos que exprimem suas opiniões e pensamentos. Percebemos esta voz principalmente nos escapares das crianças quando do contato com os pesquisadores; quando estes levavam uma proposta para o grupo de pequenos com uma intenção definida e as crianças giram tal proposição, transformam-na em algo significativo para elas e para o grupo.

Ouvir a voz é, assim, mais do que a expressão literal de um acto de auscultação verbal (que aliás, não deixa também de ser), uma metonímia que remete para um sentido mais geral de comunicação dialógica com as crianças, colhendo as suas diversificadas formas de expressão. (SARMENTO, 2011, p.28).

Afasta-se, portanto, da concepção de crianças apenas como meros receptáculos dos adultos, em que só absorvem informações. Este estudo ouviu e aproximou-se das crianças e de seus mundos, no intuito de buscar através do olhar e do pensar (com) elas, seus modos singulares de compreender o mundo atrelado à arte contemporânea.

## **DOS ENCONTROS: CRIANÇAS E ARTE CONTEMPORÂNEA**

Neste mosaico metodológico que a pesquisa com as crianças propõe, e para que compreendêssemos os processos que investigamos optamos por lidar com diferentes instrumentos metodológicos. Para tanto, neste estudo utilizamos uma variedade de instrumentos, composta por: momentos de observação, diários de campo, os materiais pensados para as ações com as crianças e o que chamamos de *Encontros Criançeiros*<sup>3</sup>, que eram as proposições pensadas para a aproximação da arte com as crianças e na escola. O objetivo inicial destes encontros foi o de aproximar as crianças do universo da arte contemporânea, a partir da apresentação e conversa sobre as obras de alguns artistas que trabalham com o conceito de apropriação, como: Sandro Ka, Lia Menna Barreto, Nelson Leirner, Marcel Duchamp. Uma das intenções destes encontros, também, foi o de instigar e desafiar as crianças a manipularem, experimentarem, criarem com objetos que fossem do seu

---

<sup>3</sup> Nome dado inspirado pela poesia de Manoel de Barros.

cotidiano, mas que talvez para aqueles momentos ganhassem um “outro lugar”.

Mesmo com estratégias variadas, os Encontros puderam ser agrupados em dois eixos constituídos por: *a)* o uso de materiais e sua retomada e *b)* a não retomada dos materiais. Assim, em um dos momentos, as crianças pintaram coletivamente um lençol utilizando borrifadores com tinta guache diluída, em outro encontro desenharam e pintaram com batons; fizeram intervenções com lápis de cor, giz de cera e caneta hidrocor em espelhos de tomada elétrica, construíram uma nova versão para um guarda-chuva pintando e logo depois colando retalhos de tecido no mesmo, dentre outras proposições.

Ressaltamos que as propostas não eram feitas em lugares que as crianças desconheciam ou em situações individuais (somente eu e uma criança), visto que a intenção era fazer com o que o contexto das crianças fosse também parte do processo da pesquisa; sendo assim, os Encontros Crianceiros foram realizados coletivamente, nos espaços habitualmente disponibilizados para uso pela escola. Destacamos ainda, que por mais que houvesse por parte dos pesquisadores uma intenção propositiva para estes encontros, ela alterava-se quando as crianças manipulavam os materiais ou tomavam suas próprias decisões sobre como o explorariam o que estava sendo ofertado a elas. Os Encontros Crianceiros foram imprescindíveis neste estudo, justamente, por serem o retorno às perguntas-chave que potencializaram esta pesquisa; não que eles tenham sido, necessariamente, as respostas das perguntas iniciais, mas porque foram, de fato, a bússola que apontou para a estreita relação que há entre a arte contemporânea e as crianças.

## **OLHAR CALEIDOSCÓPICO**

Destacamos que neste estudo, compreende-se que as crianças, assim, como a arte contemporânea, são constituídas de muitas linguagens e expressividades, perceber estas complexas e instigantes maneiras de expressão requer que tenhamos um olhar novo e oxigenado frente ao que consideramos como arte contemporânea e o próprio conceito de crianças. Neste sentido, deslocar posições e desestabilizar posturas frente a tais concepções torna-se imprescindível. Assim, aproximamos as crianças e arte contemporânea, tomando-as a partir de suas pluralidades e especificidades e hibridismos.

Neste trânsito intenso e descontínuo, entre as crianças e a arte contemporânea, retornamos a pergunta que impulsiona este estudo *“como as crianças se relacionam com as possibilidades que a arte contemporânea*

*suscita?*” buscando, através desta linha de questionamento, debruçar-nos sobre a maneira como as crianças exploravam os materiais e (re)criavam novos olhares para eles, constituindo, assim, seus singulares processos de criação e relações com a arte e suas modalidades.

Ao propormos em alguns dos Encontros Crianceiros que as crianças retornassem aos materiais experimentados, percebemos a cada retorno que o processo de criação delas se expandia, marcando uma nova experiência, um novo momento. Serviu, portanto, como um arranque do processo de criação das crianças. Trajetória esta, que não é linear e fácil de apreender. Exigiu dos pequenos outros olhares, dúvidas e novas perguntas a partir de e com os materiais e suas materialidades. Ao tratar da criatividade e dos processos de criação, Ostrower (1993), abordará que estes conceitos estão completamente emaranhados a tríade humana do consciente-sensível-cultural, não dissociando-se um do outro, mas completando-se e tramando-se. Para ela, a cultura será o ponto fulcral desta união, visto que elas “se acumulam, se diversificam, se complexificam e se enriquecem” (OSTROWER, 1993). Aproximamos a Sociologia da Infância, através de Sarmiento (2004), das questões levantadas por Ostrower (1993), quando este irá tratar das crianças como produtoras de culturas infantis. Sob esta concepção, as culturas são “significações que se estruturam e consolidam em sistemas simbólicos, relativamente padronizados, ainda que dinâmicos e heterogêneos” (SARMENTO, 2004, p. 21). Mesmo olhando através de “lentes diferentes”, ambos tratam do dinamismo existente nas relações culturais e do quanto estas se fazem pertinentes nos processos de criação e socialização, visto que são oriundos das culturas em seus contextos singulares.

Duchamp (2004) ao refletir sobre o ato criador, discorrerá sobre os descaminhos pelos quais os artistas passam da intenção à realização da obra, transitando por “reações totalmente subjetivas”. Neste galgar criador, Duchamp (2004) ainda ampliará a ideia de criação, jogando para o espectador, uma parcela deste processo, “o público estabelece o contato entre a obra de arte e o mundo exterior, decifrando e interpretando suas qualidades intrínsecas e, desta forma, acrescenta sua contribuição ao ato criador”. No caso das ações que compuseram os Encontros Crianceiros - e o Retorno aos Materiais, houve um estabelecimento de relações coletivas, mesmo que em determinados momentos algumas decisões fossem singulares. Ao final do processo, havia ali um objeto coletivo instaurado dentro da sala de aula. Os criadores mesclavam-se com o público, e o público eram os criadores, havendo, portanto, uma possibilidade de mudança nos posicionamentos das crianças frente à criação.

Ao olharmos os processos de criação das crianças, distante das abordagens desenvolvimentistas, que consideram seus contextos, repertórios e experiências irrelevantes, e levam em conta principalmente suas faixas etárias e período biológico, queremos mostrar que os processos de criação das crianças são, sim, feitos de fragmentos, tramados pelas experiências em contextos diversos e singulares, são, enfim, repertórios que ao serem solicitados constituem-se como uma grande colcha de retalhos de experiências que as crianças acessam e partilham em suas ações e linguagens. A curiosidade, a diversão e o prazer tornam-se os catalisadores deste *continuum experiencial* (DEWEY, 2010) de criação. “Experimental é divertir-se, no sentido de di-verter, de voltar o olhar para outro lugar, descobrindo outras perspectivas, outros modos” (STACCIOLI, 2011, p.23).

O processo de criação é feito de desdobramentos e de experiências que vão compondo nossa bagagem de vida. Depois que percebemos que podemos olhar o mundo e o que está a nossa volta com outras lentes, a vida se expande e se configura de outras formas. Dewey (1976) dirá que a experiência modifica quem a faz e quem por ela passa, atingindo a qualidade das experiências subsequentes, “pois é outra de algum modo, a pessoa que vai passar por essas novas experiências” (DEWEY, 1976, p.25).

As crianças e a arte contemporânea experimentam e vivem a recriação junto ao simbólico e ao concreto; percebem-se outras em suas relações com o mundo e com seus pares. Neste estudo destacamos a potência existente no encontro entre as crianças e a arte contemporânea, principalmente no que se refere à proximidade e receptividade dos pequenos com as possibilidades que a arte convida. Além disto, buscamos mostrar através dos processos de criação das crianças como estes são encharcados de significados e relações externas ao contexto escolar, que emergem em suas experimentações, assim como os afetos e enfrentamentos que se estabelecem na exploração, ressignificação e apropriação dos materiais e materialidades.

Assim, em tom de manifestamos, giramos nosso olhar caleidoscópico para que pensemos mais com a arte, mais com as crianças. Que possamos cada vez mais ouvir os ecos oriundos da arte e das crianças e que por fim contaminemo-nos por e com eles.

## REFERÊNCIAS

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea – Uma História Concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CHIARELLI, Tadeu. **Catálogo Apropriações/Coleções**. Porto Alegre: Santander Cultural, 2002

DEWEY, J. **Arte como Experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Experiência e Educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

DUCHAMP, Marcel. **O Ato Criador**. In: BATTCKOCK, G. (Org.). *A Nova Arte*. São Paulo. Perspectiva: 2004, p.71-74.

QUINTEIRO, Jucirema. **Infância e Educação no Brasil: Um Campo de Estudos Em Construção**. In: FARIA, A; DEMARTINI, Z.; PRADO, P. (Orgs.). *Por Uma Cultura da Infância – Metodologias de Pesquisas com Crianças*. São Paulo: Autores Associados, 2005.

OSTROWER, Faiga. **Universos da Arte**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

\_\_\_\_\_. **Criatividade e Processos de Criação**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1993.

RABELLO, Lúcia. **Conhecer, Transformar(-se) e Aprender: Pesquisando com Crianças e Jovens**. In: RABELLO, L. (Org.). *Pesquisa-Intervenção na Infância e Juventude*. Rio de Janeiro: Trarepa / FAPERJ, 2008.

SARMENTO, Manuel Jacinto.; PINTO, Manuel. **As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo**. In: *As crianças contextos e identidades*. Braga: Centro de Estudos da Criança/ Universidade do Minho, 1997.

SARMENTO, Manuel. **As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade**. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (Orgs.). *Crianças e Miúdos – Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação*. Porto: Asa, 2004, p.09-34.

\_\_\_\_\_. **Imaginário e culturas da infância**. *Cadernos de Educação FaE/ UFPEL – Jul/Dez*. Pelotas, 2003.

STACCIOLI, Gianfranco. **As Di-versões Visíveis das Imagens Infantis**. *Revista Pro-Posições – V.22 n°2 – Maio/agosto*. Campinas, 2011.

TOMÁS, Catarina. **A Investigação Sociológica com Crianças**: Caminhos, Fronteiras e Travessias. In: RABELLO, L. (Org.). Pesquisa-Intervenção na Infância e Juventude. Rio de Janeiro: Trarepa / FAPERJ, 2008.

\_\_\_\_\_. **Há Muitos Mundos no Mundo** – Cosmopolitismo, Participação e Direitos da Criança. Porto: Edições Afrontamentos, 2011.

*Recebido em setembro de 2014.*

*Aprovado em outubro de 2014.*